

TEATRO  
SÃO  
LUIZ

# A RECONQUISTA

RICARDO NEVES-NEVES E FILIPE RAPOSO

# DE OLIVENZA

TEATRO  
M/12

1 - 16 OUT 2022





# REFLEXÕES INTELLECTUAIS COM OS PÉS NA LAMA

NUM BANCO DE JARDIM,  
À CONVERSA COM  
**RICARDO NEVES-NEVES**  
**E FILIPE RAPOSO,**  
CRIADORES DE  
*A Reconquista de Olivenza*

Entrevista realizada em janeiro 2020, na altura da estreia,  
por GABRIELA LOURENÇO / TEATRO SÃO LUIZ

**No último espetáculo que fizeram juntos aqui no Teatro São Luiz, *Banda Sonora* (2018), falaram da importância das relações artísticas prolongadas e disseram que ainda não tinham tido “a grande conversa”, talvez adiada para o próximo espetáculo conjunto. Foi com *A Reconquista de Olivenza* que a tiveram?**

**RICARDO NEVES-NEVES:** Na verdade, tivemos várias pequenas conversas... todas juntas devem dar uma “grande conversa” [risos]. Fomos tendo conversas, trocando mensagens e emails, trocando vídeos e músicas. Acho que esta nossa relação artística está cada vez mais fácil, há um tu-cá-tu-lá maior do que no início.

**FILIPE RAPOSO:** Há um diálogo que temos vindo a construir, uma gramática nossa que temos vindo a descobrir. Percebendo cada vez melhor o trabalho um do outro, as coisas tornam-se mais fáceis. Já não precisamos de muito tempo para explicar ao outro aquilo que imaginamos, as coisas fluem com muita naturalidade.

**RNN:** Uma das coisas que funciona bem connosco é não entrarmos por zonas demasiado conceptuais para nos explicarmos um ao outro. Eu faço uma explicação breve e mostro-lhe texto, ele faz uma explicação breve e mostra-me música. Não o fazemos com explicações conceptuais que normalmente são formas indiretas e quase estrangeiras de comunicação. É uma forma de trabalho mais direta à questão e que não me mexe com os nervos [risos].

**FR:** É levarmos a nossa afinidade artística a um nível simbiótico e rara-

mente temos a oportunidade de fazer isso com outros artistas. Quando penso em música associada ao teatro, penso sempre em cinema também e lembro-me das parcerias que os grandes realizadores tiveram com compositores e essas relações só aconteceram e só foram frutíferas porque houve insistência. É um pouco anacrónico hoje, nesta sociedade de *fast food* em que queremos experimentar tudo e mudar, que isto aconteça e que se insista num modelo semelhante. Mas este nível de intimidade artística traz mais valias preciosas.

**O processo de trabalho foi semelhante ao de *Banda Sonora*, em que iam escrevendo e compondo simultaneamente?**

**RNN:** Foi muito diferente. Tivemos mais tempo, já nos conhecíamos e eu já tinha muito texto escrito. A ideia já era antiga, surgiu de um espetáculo que encenei chamado *O Solene Resgate*, que começava num Portugal que ainda vivia numa monarquia e onde havia uma questão com a rainha. Era um espetáculo de 11 minutos e gostava de o estender. Passados oito anos, a narrativa e o ambiente são totalmente diferentes, apesar de ter alguns pontos de relação. Houve várias ideias que fui desenvolvendo ao longo deste tempo e ainda durante o *Banda Sonora* fui contando algumas ao Filipe, que me foi ajudando a mudar algumas ou que foi acrescentando outras coisas que nem me tinham passado pela cabeça e me foi mostrando outras coisas. No *Banda Sonora*, a ideia da música estava sempre num primeiro plano e aqui



© Filipe Ferreira

acho que aconteceu o contrário, foi mais convencional, o texto foi saindo e a música foi completando ou elevando. Houve partes do texto que escrevi para serem ditas e o Filipe transformou-as em partes cantadas, por exemplo. Nas conversas entre nós abrem-se sempre caminhos de raciocínio que são importantes no decorrer da criação. A certa altura falámos no *Family Guy* e aquilo foi muito importante para mim, que sou grande fã [risos]. E acabei por ir buscar alguns elementos desse tipo de humor. Se essa conversa não tivesse existido, por exemplo, de certeza que não teríamos o Bip-Bip em cena [risos].

**FR:** Sim, foi um processo mais convencional na estruturação da escrita. Tinha um mapa escrito e a partir daí é um processo de descoberta desse território que está ali a ser inventado. E

acho que a música acaba, muitas vezes, por direcionar leituras que não são óbvias ou por caminhar por pontos geográficos desse mapa menos evidentes. Gosto muito de ver a música ligada aos rituais, porque ela está presente em nós desde que nascemos até ao momento da nossa morte. E quando o Ricardo me passa um texto pela primeira vez o que tento fazer são esses paralelos, ver como é que a música que está presente nas nossas rotinas diárias se reflete nesse texto. Passa a ser um simbiótico: a partir do momento em que oiço a música que está no texto, já não o consigo dissociar dela. E começamos essa partilha de ideias de que o Ricardo falava. Para mim é uma aprendizagem muito grande, porque não vivo só da música, vivo de todas as outras influências, especialmente da literatura,

e esta possibilidade de trabalhar texto com o próprio autor é um privilégio imenso.

### **Olhando, então, para o texto que nasce de uma questão com uma rainha... como se chegou à reconquista de Olivença?**

**RNN:** Às vezes entro por impulso nos espetáculos porque há uma ideia ou um som que me agrada. Mais uma vez, foi um jogo lúdico comigo próprio... Visitei Olivença em 2015, três meses depois de ter ficado acordado que ia fazer este espetáculo que ainda não tinha título, e achei uma piada gigantesca à história daquele lugar e ao facto de me sentir numa cidade alentejana que é espanhola. Achei que me podia dar matéria para uma história de aventuras diplomáticas. Mas nunca me sento à mesa para escrever com vontade de defender ou de abordar determinada temática. O que me interessa em primeiro lugar é fazer um espetáculo de teatro e as temáticas vão surgindo. Este espetáculo é resultado de uma lógica que me interessa muito que é a dos sonhos, muito mais rica e divertida que a lógica da vida normal. A forma como misturamos todas as nossas referências, como fazemos um género de digestão do nosso dia-a-dia e das nossas angústias recentes ou passadas – tudo isso é uma zona que me agrada muito. Gosto de fazer esse exercício acordado de como funciona o nosso cérebro quando estamos a dormir. E aqui o que fiz foi tentar perceber como é que um miúdo, com as suas referências e preocupações, sonha em véspera de exame de História, misturando o que estudou com aquilo

que vê todos os dias na rua e na sua vida, incluindo os videojogos e a animação. Interessa-me muito brincar com isso. E depois há outro exercício, que é a minha forma de manifestar liberdade – em vez de falar de liberdade diretamente –, que é sentir-me, enquanto artista em Portugal, em 2020, totalmente livre de fazer aquilo que bem me apetece na cena e ser apoiado por uma vasta equipa de mais de 50 pessoas que diariamente trabalha este texto nos ensaios. E gosto de trabalhar questões como a liberdade, a democracia e o uso do poder com outras que são coisas do dia-a-dia mas que, por isso, estão sempre presentes, como o facto dos portugueses chegarem sempre atrasados aos compromissos, como eu cheguei hoje atrasado a esta nossa conversa, por exemplo.

### **É muito dessa mistura que vivem os espetáculos que tem feito: do mais comezinho aos grandes temas e também de um lado mais divertido e outro mais amargo.**

**RNN:** Interessa-me fazer as coisas de forma graciosa e leve, porque acho que conseguimos vir com o coração pesado mesmo com uma forma de expressão mais ligeira. Esta forma indireta de chegar às coisas diverte-me muito mais e, para mim, é muito mais fácil de escrever e de lidar com este trabalho durante tantos meses: os de escrita, os de ensaio e os de memória depois do espetáculo. São agrídoces os meus espetáculos e é disso que gosto. Prefiro um ponto de partida em que não nos levamos demasiado a sério, onde os temas que me tocam existem, mas de forma indireta, às vezes contraditório-



ria e transformada pela ficção. Prefiro gastar mais tempo com a elaboração, apesar de ela vir obviamente de um pensamento. Aqui é a mesma coisa: de que forma é que as coisas podem ressoar em mim com um eco gigantesco mesmo que o grito seja curto? Uma vez usaram uma expressão sobre os meus espetáculos a que achei muita piada: diziam que os meus textos “são como pequenos cães que roem calcanhares em vez de lobos que comem”.

**FR:** Estamos a falar de territórios e a separação entre dois territórios tem um nome: fronteira. A realidade é que sempre me senti muito bem em regiões de fronteira, porque é aí que me sinto mais privilegiado a absorver esses diferentes mundos. Quando o Ricardo me falou de Olivença lembrei-me de um outro território chamado Rio de Onor, uma aldeia transfronteiriça em Trás-os-Montes que tem um sistema jurídico muito próprio, um dialeto especial e também canções muito especiais, fruto dessa união. Este universo que o Ricardo aqui explora é uma espécie de lenha para a fogueira que estou ávido de pôr a queimar. E não me assustam as ideias dele que parecem não ter sentido mas que têm, na verdade, muito sentido. Põem-nos a pensar sobre coisas que tínhamos como certas e adquiridas e acho que é essa função da arte. Existe um objeto artístico quando ele nos fez refletir sobre determinada matéria. Nesta peça existem muitas áreas de reflexão: o poder geográfico, o poder da linguagem... Há muitos pontos que, mesmo sem estarem demasiado concetualizados, nos fazem pensar onde estamos.

**RNN:** A escrita sem plano acaba por

ter um lado muito vivo sobre a atualidade e sobre a minha inclinação quando estou a escrever. Todas estas personagens podem ser pessoas que hoje encontramos na rua, ali estão muitas características do que é ser português e como é a nossa relação com o preconceito, a ignorância, a alegria, a vontade, a felicidade, o medo...

### **Na eterna rivalidade entre portugueses e espanhóis, somos nós, como sempre, a fazer a má figura...**

**RNN:** Aí sou eu a colocar-me nesse sítio de me rir de mim próprio. As minhas histórias de que me lembro melhor são aquelas em que estou mais frágil e que me dão mais graça, acho. Como numa reunião muito importante que tive, num almoço, e, na minha atrapalhão para correr tudo bem, me entrou caril pelo olho [risos]. Perdi completamente a compostura. Estamos sempre a lidar com a fragilidade do nosso corpo e do nosso pensamento e se não levarmos isso de uma forma leve e divertida, se isso não nos der alegria e não conseguimos rir-nos de nós próprios, então vivemos de uma forma miserável. É esse exercício que faço sempre e que faço aqui mais uma vez, olhar as coisas pelo lado mais frágil e rirmo-nos disso. Estou sempre a dizer ao Filipe: estamos a bater no fundo com este espetáculo [risos]! É aqui que tudo vai acabar!

### **E como é que se faz música para este “descalbro”, Filipe?**

**FR:** Aqui não existe um período histórico específico, existem vários períodos históricos presentes nas diferentes personagens. Então, é uma espécie de



© Estelle Valente

*cluster* – quando pressionamos muitas teclas do piano simultaneamente – e isso soa a cacofonia, mas o interessante da cacofonia é que, se prestarmos atenção, começamos a estabelecer ordem e uma hierarquia dos sons que vai ganhando um rumo. Fazer música para isto é começar precisamente com um *cluster* e tentar perceber qual é o fio da meada. Uma das propostas iniciais foi a música barroca, do século XVII e XVIII, e um dos primeiros ganchos foi Bach, com toda a eloquência e ornamento que essa música tem. Na instrumentação, o Ricardo já tinha a ideia do cravo e, por isso, fazia todo sentido começarmos com o período do Barroco, que acabou por ter uma mancha muito grande de influência nesta composição. São as grandes referências da música barroca francesa, também associada à música

de cômico, com Jean-Baptiste Lully, o compositor do rei Luís XIV. Eram músicas associadas à dança e a momentos de grande elegância, a rituais. Ouvia também muitas óperas. E, absorvendo todas essas influências, trouxe essa essência para a peça, mas, ao mesmo tempo, não quis ficar preso a esse período histórico e quis trazer também outras minhas influências. Tanto temos uma abertura barroca como ouvimos o célebre acorde de *Tristão e Isolda*, de Wagner, que anuncia uma tragédia. O não nos levarmos a sério, de facto, faz todo o sentido, porque vivemos na iminência da tragédia desde o momento em que o óvulo do qual surgimos é fecundado. A tragédia da existência. E aqui fez todo o sentido fazer essa referência a *Tristão e Isolda*. E há uma música da Disney, que o Ricardo sugeriu...



© Filipe Ferreira

**RNN:** É aí que batemos no fundo!  
[risos]

**FR:** Mas misturar o acorde de Wagner com um tema clássico da Disney faz todo o sentido. Esse é um momento de grande humor musical. Há ali uma plasticidade que nos faz sair da zona de conforto. Isto é uma brincadeira? Não, isto é aquilo que nós quisermos que seja.

**RNN:** Existe um corredinho com cravo [risos]!

**FR:** São as tais zonas de fronteira em que não sabemos bem onde começa uma coisa e acaba a outra. E, claro, que nesta composição existe cinema, porque as imagens que o Ricardo traz são muito cinematográficas. E a forma como escuto a música é sempre muito ligada à imagem e ao cinema. Há momentos em que existe um espaço solista, outros em que a música

está em harmonia com o texto... ou em tentativa de harmonia com o texto... e existe uma música a servir o texto, como *background*, como acontece no cinema, lá está, e que é uma música de onisciência, de visão coletiva, de visão de um todo. Vamos oscilando na música entre *close-ups* de determinada personagem ou determinada cena e olhares *voyeurs*, de longe, a observar o que estão a fazer em palco. Ora estou com os atores em cena, ora me afasto e sou apenas um observador. Gosto desse exercício muito cinematográfico. Todas as cenas de batalha são muito cinematográficas e trago todo o repertório dos grandes épicos. A música barroca é conhecida por ser uma música de câmara, uma música de interior, mas aqui temos também estas zonas de batalhas exteriores, onde imaginamos

a história destes dois países a ser definida. E acho interessante trabalhar o que seria musicalmente óbvio em determinada cena ou não. Da mesma forma que o Ricardo trabalha o *nonsense*.

### “Bater no fundo” é porque levaram esse *nonsense* ainda mais longe que o habitual?

**RNN:** É como agora: se nos estivessem a filmar, íamos rir-nos da situação. Estamos aqui a fazer uma reflexão sobre este espetáculo e vamos fazendo um resumo de tudo aquilo que sabemos e aprendemos na vida, porque o nosso discurso é resultado disso. E, ao mesmo tempo, estamos os três com os nossos ténis brancos na lama! E, em termos de imagem, isso é maravilhoso: estamos a fazer numa reflexão intelectual com os pés na lama. Neste jardim, dos sete bancos, fomos logo escolher o único que está na lama [risos]! E essa coisa de fazer isto de propósito, mas de forma inesperada para o espectador, é esse bater no fundo. É uma espécie de estragar – o texto está sempre a estragar um bocadinho mais. Como quando ouvimos mal a pergunta e respondemos um grande disparate. Há zonas que vão ao limite do humor. E, sim, apetece-me gozar com essa vaidade dos intelectuais. Olho para os portugueses de 2020, somos todos filhos ou netos de agricultores ou operários, mas parece que já nascemos com o curso superior. E não é assim. Passámos os nossos Natais na aldeia ou na vila, andámos descalços nas rochas da praia, caímos na lama do campo, mas andamos aqui a fingir que não. E isso está presente no espetáculo, a rainha de Portugal não sabe conjugar a segunda pessoa do plural. Não é só

tirar o tapete ao espectador, é também tirar o tapete à personagem e às grandes figuras que idolatramos ou respeitamos ou tememos e pô-las ao nosso nível, ao nível da lama. E aí estamos a bater no fundo. Andamos a tentar ser filhos de eruditos. No espetáculo estamos, muitas vezes, entre esta zona do erudito, do cravo, do intelectualmente elaborado, e outra zona mais rasteira. Isso faz parte de nós, andamos sempre nos picos, entre o 8 e o 80.

### ... com cavalos que são trotinetes e um coche real que é um carrinho de golfe!

**RNN:** É brincar, o ponto de partida é sempre a brincadeira. Há coisas tão importantes na nossa vida e que menosprezamos, como a brincadeira e a alegria, e que achamos sempre que são secundárias. Há duas frases que me irritam profundamente, a que diz que o riso é dos tolos e a outra que dita que a comédia não é um género mas sim um subgénero. Para mim, a brincadeira é muito importante na encenação. Neste espetáculo, estivemos nove semanas a ensaiar, a vertente lúdica foi muito importante e espero que passe para o espectador.

### Nessa brincadeira, entram, uma vez mais, os coros de personagens. O que oferece esse recurso?

**RNN:** Neste espetáculo, ainda não percebi se é vontade de ouvir os atores de forma coral, o que me agrada muito enquanto espectador, ou se é uma certa preguiça enquanto dramaturgo [risos]. Porque se há dois infantes espanhóis e os dois têm a mesma opinião, há frases que tanto podem ser de um



como do outro. E não me apetece fazer essa divisão, em vez de dividir, ponho as frases nos dois. Se é indiferente ir para um ou para outro, vai para os dois. Depois, em cena tem um resultado visual e sonoro de que gosto muito... até um dia me faltar.

**FR:** Esta visão rítmica do texto, quando o Ricardo trabalha duas, três ou mais vozes simultaneamente, é muito musical. É uma linguagem homofónica, é a exploração tímbrica de uma nova voz, porque uma coisa é o ator escutar a sua voz, outra coisa é o ator escutar a sua voz com a voz de outro e a fusão dessas duas ou mais vozes. Quando se trabalha em naipes, o grande desafio é fazer com que o indivíduo se torne no coletivo, que a voz se metamorfoseie de forma a que deixe de ter a sua identidade e se transformem todas numa voz única. Isso traz a possibilidade de ter um novo som e o mesmo texto é escutado pelo espectador, consciente ou inconscientemente, de uma forma diferente. Gostava de perceber, em termos neurológicos, o que acontece no nosso cérebro quando ouvimos um texto dito de forma coral. Quando vejo duas pessoas a olharem para mim e a falarem simultaneamente, consigo ter um eixo simétrico, e o objeto sonoro transforma-se quase numa escultura visual. Acho que há aqui uma tentativa de atingir esse belo simétrico.

### E para quando a vingança dos portugueses em Olivenza?

**RNN:** Há precisamente um outro texto que parte do final deste espetáculo... mas prometo que vou acalmar na escrita. Não posso escrever tanto, que me dá cabo da cabeça...!

## E, ENTRETANTO, 32 MESES MAIS TARDE...

**Nesta reposição, mais de dois anos depois, fizeram alterações ao espetáculo? Tudo o que tem acontecido cá fora teve algum reflexo nesta nova apresentação de *A Reconquista de Olivenza*?**

**RNN:** Sintetizámos algumas cenas, nos ensaios vamos encontrando coisas novas, fizemos algumas atualizações. Por exemplo, no telefonema da Nossa Senhora de Fátima à aliada inglesa, a Nossa Senhora de Walsingham, já não é do Brexit que falam, mas do apoio que a inglesa está a dar à Nossa Senhora de Kazan, que está a proteger a usina nuclear de Zaporizhia. Depois seguem para o Brasil com a Nossa Senhora de Copacabana, para ver se não há batota nas eleições de outubro.

**Em julho de 2023, no fecho desta temporada, regressam juntos ao São Luiz com *O Livro de Pantagruel*, a partir de várias obras sobre o canibalismo, a antropofagia e a manipulação do corpo humano: *Gargântua e Pantagruel*, *Hansel e Gretel*, *Sweeney Todd*, *Dracula*, *Dr. Frankenstein*, *A Mosca*, entre outros... que ideias já andam a borbulhar nas vossas cabeças?**

**RNN:** Queremos pensar sobre estes temas sanguinários, através de personagens que já existem e que são conhecidas de todos, que têm em comum um contexto tenebroso, um trauma,



© Filipe Ferreira

uma luta. Podemos criar relações de amor ou aversão, obscuras e violentas ou cómicas e irónicas para, no fundo, se criar uma metáfora sobre aquilo que também é o Ser Humano, que navega entre o amor e o ódio, a bem-querença e o oportunismo. Nós somos o combustível, a energia, a proteína uns dos outros. Às vezes metaforicamen-

te. Outras literalmente. E tudo isto a cantar com uma orquestra ao vivo. Uma Coprodução Cineteatro Louletano, Teatro Municipal do Porto - Rivoli, Teatro Circo de Braga, Teatro do Eléctrico, Culturproject e São Luiz Teatro Municipal.

Setembro de 2022

### TEATRO DO ELÉCTRICO

COPRODUTORES



ESTRUTURA FINANCIADA

PARCEIROS



MEDIA PARTNERS



1 A 16 OUTUBRO 2022  
TEATRO

# A RECONQUISTA DE OLIVENZA

## RICARDO NEVES-NEVES E FILIPE RAPOSO

Sala Luis Miguel Cintra  
quarta a sábado, 20h; domingo, 17h30  
Duração: 1h30; M/12  
€12 a €15 (com descontos)



16 outubro, domingo, 17h30



14 e 16 outubro, sexta, 20h; domingo, 17h30

Texto e Encenação: Ricardo Neves-Neves; Composição e Orquestração: Filipe Raposo; Interpretação: Ana Valentim, André Magalhães, António Ignês, Bruno Huca, David Mesquita, Diana Vaz, Joana Campelo, João Tempera, José Leite, Juliana Campos, Katrin Kaasa, Márcia Cardoso, Maria Leite, Rafael Gomes, Rita Cruz, Rita Carolina Silva, Ruben Madureira, Sandra Faleiro, Sílvia Filipe, Sissi Martins, Tânia Alves, Teresa Faria, Tiago da Cruz e David Pereira Bastos (voz); Músicos: Jenny Silvestre (Cravo), Nelson Nogueira (1ºViolino), Cristiana Herculano (2ºViolino), Eurico Cardoso (Viola), Sara Abreu (Violoncelo), Margarida Ferreira (Contrabaixo), Natália Grossmannova (Flauta), Filipe Freitas (Oboé), Marta Xavier (Clarinete), Gonçalo Pereira (Fagote), Ricardo Alves (Trompa I), Luís Mota (Trompa II), Óscar Carmo (Trompete), Helder Rodrigues (trombone), Tânia Mendes (Percussão), Marco Fernandes (Percussão); Maestro: Cesário Costa; Direção Vocal: João Henriques; Coordenadora de Orquestra: Paula Meneses; Adaptação e Locução da Narração: Eduardo Rêgo; Sonoplastia: Sérgio Delgado; Desenho de Luz: José Álvaro Correia; Assistente de Luz: António Pedra; Cenografia: Catarina Barros; Assistente de Cenografia e Construção de Adereços: Cristóvão Neto; Assistente de Cenografia: António Muralha e Susana Paixão; Construção de Cenografia: Móveis Maia, Sign-Wide Format Print e Thomas Kharel; Costureiras de Cenografia: Ana Maria Fernandes, Maria Costa; Figurinista: Rafaela Mapril; Confeção: Carla Geraldes, Helena Jardim, Lúcia Garrido, Maria Afonso, Mónica Fortes, Shabbir Hussain, Esboços Ilimitados Lda, Ana Sabino Atelier: Celeste Sacramento, Sandra De Arez, Anabela Oliveira; Assistência de Figurinos: Ana Caetano, Eliana Lima e Patrícia Margarida Silva; Caracterização e Cabelos: Cidália Espadinha e Dennis Correia; Adereços de Caracterização: Beatriz Pessa; Assistentes de Caracterização: Marco Santos, Guilherme Gamito, Bruno Saavedra, Catarina Félix, Moon e Rita Rosa Pico; Coreografia de Combates: Tiago da Cruz; Vídeo, Animação, Ilustração: Temper Creative Agency; Teaser Promocional: Eduardo Breda; Art Designer: José Pinheiro @O\_Pinheirojose; Apoio à Dramaturgia e Assistência de Encenação: Rafael Gomes; Assistência de Encenação: Diana Vaz e Ana Valentim; Produção e Comunicação TDE: Mafalda Simões; Produção TDE: Andreia Alexandre; Produção Executiva TDE: Adriana Gonçalves; Produção: Culturproject Nuno Pratas; Difusão: José Leite; Apoios: Antena 1, BIRD, BalletShop, Golfe Jardim, Fresco Produções, Make It Happen, Mascarilha, Pecosita Pepito, Polo Cultural Gaivotas/ CML, Ouro Têxteis, RTP2, TBA, Vidal Tecidos; Agradecimentos: Artistas Unidos, Cineteatro São Pedro (Alcanena), Teatro do Bairro Alto - TBA, Dra. Guilhermina Augusta Pelicano Jorge, Ofélia Meiyu e Helena Deng Yuanying

**Coprodução: Cineteatro Louletano, Teatro do Eléctrico, Culturproject e São Luiz Teatro Municipal**

O Teatro São Luiz/EGEAC é parceiro no Projeto Europeu *Inclusive Theater(s)*  
Rede de desenvolvimento de novos públicos através de ações inclusivas  
para pessoas com necessidades específicas

**Direção Artística** Aida Tavares **Direção Executiva** Ana Rita Osório **Assistente da Direção Artística** Tiza Gonçalves **Adjunta Direção Executiva** Margarida Pacheco **Secretária de Direção** Soraia Amarelinho **Direção de Comunicação** Elsa Barão **Comunicação** Ana Ferreira, Gabriela Lourenço, Nuno Santos **Mediação de Públicos** Téó Pitella **Direção de Produção** Mafalda Santos **Produção Executiva** Catarina Ferreira, Marta Azenha, Tiago Antunes **Direção Técnica** Hernâni Saúde **Adjunto da Direção Técnica** João Nunes **Produção Técnica** Margarida Sousa Dias **Iluminação** Carlos Tiago, Cláudio Marto, Ricardo Campos, Sérgio Joaquim **Maquinaria** António Palma, Miguel Rocha, Vasco Ferreira, Vítor Madeira **Som** João Caldeira, Gonçalo Sousa, Nuno Saias, Rui Lopes **Operação Vídeo** João Van Zelst **Manutenção e Segurança** Ricardo Joaquim **Coordenação da Direção de Cena** Marta Pedroso **Direção de Cena** Maria Tavora, Sara Garrinhas **Assistente da Direção de Cena** Ana Cristina Lucas **Camareira** Rita Talina **Bilheteira** Diana Bento, João Reis, Pedro Xavier